

**AS MARCAS DA ESCRITA
NA ORALIDADE DE ALUNOS DE NÍVEL MÉDIO**

José Mario Botelho (UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

1. Introdução

Há muito se vem digressionando acerca das diferenças entre as modalidades oral e escrita de uma dada língua. Pouco se falou, pois, das semelhanças entre elas. Também é um fato que, nos trabalhos sobre tais modalidades da língua, a linguagem escrita sempre fora enfatizada.

No Brasil, por exemplo, decerto essa postura dos pesquisadores de um passado não muito distante se justificava, porquanto tais pesquisas eram incipientes. Daí, terem demonstrado uma relativa insipiência, pois muitos deles concluíram primeiramente que a escrita seria um tipo de transcrição da fala, e, mais tarde, que essas modalidades seriam fenômenos diferentes.

Atualmente, já se reconhece que os antigos se valeram de métodos equivocados na comparação entre a oralidade e a escrita. Também deixaram de considerar a diferença que existe entre “processo de produção linguística” e “produto linguístico”. Ainda refletiram de forma pouco conveniente acerca da natureza de cada uma daquelas modalidades linguísticas.

Ora, nem a escrita é a transcrição da fala, não sendo elas, portanto, iguais, nem são diferentes por terem processos de produção específicos e terem em suas naturezas características particulares entre tantas comuns.

De fato, há mais semelhanças do que diferenças entre elas. E isso não nega o fato de cada uma dessas modalidades linguísticas ter as suas características particulares. Quanto ao processo de produção, as pessoas não escrevem do mesmo modo que falam (BOTELHO, 2012), contudo constata-se certo isomorfismo entre tais modalidades quando seus produtos são analisados a partir de um contínuo tipológico (MARCUSCHI, 2001, p. 41).

Logo, não se pode deixar de reconhecer que é exclusivo o processo de cada uma delas. Também não se podem ignorar as influências que uma exerce sobre a outra.

Portanto, pode-se constatar que num dado momento a escrita influencia a oralidade, como poderemos fazer a partir deste trabalho. Por conseguinte, o objetivo deste trabalho é identificar as marcas da escrita em produções orais de alunos de nível médio, o que faz com que os produtos oral e escrito se assemelhem nesse estágio do letramento de tais usuários.

2. *Ciclo de influências mútuas de uma modalidade sobre a outra*

Durante o processo de letramento, há um momento em que se pode observar uma isomorfia entre a linguagem oral e a linguagem escrita. Essa isomorfia é mais acentuada em textos (orais e escritos) de indivíduos que mantêm um contato constante com a escrita e a oralidade, isto é, quanto maior for a prática do escrever e do falar, maior será a semelhança entre a escrita e a fala. Brown (1981) afirma que há dois tipos distintos de fala: a fala pré-letramento e a fala pós-letramento. Aquela, anterior ao letramento, exerce influências sobre a escrita, dando início ao que venho chamando de isomorfia parcial; esta, posterior ao letramento, sofre influência da escrita, o que faz o falante executá-la conforme o que sabe da escrita.

E é neste estágio da linguagem que se pode verificar a isomorfia de que falo. Tal ciclo poderia ser esquematizado da seguinte forma:

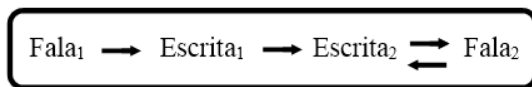


Figura 1. Direção de simulações entre fala e escrita com ciclo de simulações contínuas

Corroborando Kato (1987), a Fala₁, que deve ser entendida como a fala pré-letramento, e a Escrita₂ se distinguem e se distanciam. Letramento, nesse caso, deve ser entendido tão somente como o manuseio individual do sistema escrito e não um conjunto de práticas sociais.

Convém lembrar, que nessa Fala₁ não há influência da escrita, já que ainda não se deu o contato direto com essa modalidade. Já na Fala₂, momento em que o manuseio da escrita se mostra desenvolvido, as influências da escrita são flagrantes. A criança procura simular na fala a Escrita₂, constituindo a Fala₂, que por sua vez também influencia a Escrita₂, que continua influenciando a Fala₂. Dá-se, por conseguinte, um ciclo de simulações contínuas.

Considerando tal fenômeno, não se deve crer numa fala-padrão, como afirma Kato (*Op. cit.*), corroborando Brown (*Op. cit.*), nem numa simples tecnologização da fala, como o quer Ong (1982). O resultado do desenvolvimento das influências mútuas das modalidades escrita e oral, que é por si só ilimitado, é muito mais complexo do que se imagina.

De fato, após o contato contínuo com a escrita, o indivíduo falante passa a apresentar uma nova fala, característica de um falante letrado, em cujas produções textuais as influências que as modalidades exercem uma sobre a outra podem ser sentidas.

Que cada uma destas modalidades apresenta certas características, que as particularizam e que, de certa forma, nos fazem distinguir uma da outra, ninguém pode negar. Crer numa fala-padrão é o mesmo que aceitar a inconsistente tese (antiga e já ultrapassada) de que a escrita seria um tipo de substituição da fala³⁶, como se ela fosse uma forma de transcrição da linguagem oral (Ver BLOOMFIELD, 1933). A diferença está na inversão do foco: a fala-padrão seria falar como se escreve.

3. *Influências da linguagem escrita sobre a prática da oralidade*

Considerando a **Figura 1** acima, a Fala₂ é aquela na qual se podem observar marcas da escrita; é a fala pós-letramento.

De fato, e a escrita (Escrita₁) que, inicialmente, recebe influência da oralidade. Mais tarde, é-lhe imposta uma escrita convencionada, socializada (Escrita₂), que difere substancialmente daquela utilizada até então. Esta influencia a sua fala (Fala₂), que procura agora reproduzir a escrita, num ciclo contínuo de simulações.

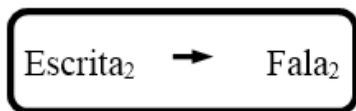


Figura 2. Influência da escrita sobre a fala.

³⁶ "A rigor, a linguagem escrita não passa de um sucedâneo, de um *ersatz* da fala." (CÂMARA Jr., 1991, p. 16).

Essa Fala₂, que procura simular a Escrita₂, é a fala pós-letramento. Nesse momento, em que se dá o desenvolvimento de uma escrita “autônoma” (segundo a nomenclatura e concepção de ONG), que difere substancialmente da Escrita₁ (que, para o aprendiz, constitui uma representação da sua linguagem oral), é a fala que procura simular a escrita, como se pode perceber no esquema da **Figura 2** acima.

A partir desta concepção, é que pude observar que textos orais do nível médio apresentam uma semelhança muito grande com a sua escrita.

4. Apresentação e análise dos resultados

Para comprovar a hipótese de que a escrita exerce influências na oralidade daquele nível escolar, já que os alunos procuram escrever conforme a norma culta e se autocorrigem ao falarem, pedi-lhes que gravassem um texto narrativo sobre um fato marcante.

Comparando os textos escritos com os textos orais, pude comprovar as marcas das influências da escrita sobre a oralidade. A identificação de tais marcas torna-se mais fácil, se considerarmos algumas características específicas do texto escrito.

São características do texto escrito: o uso de conectivos subordinativos e coordenativos (diferentes de “e” e “mas”) na elaboração de frases com certa complexidade estrutural, o uso de pronomes relativos, períodos mais longos, limitados por estruturas do pensamento lógico, estruturas com verbo na voz passiva, nominalizações e elipse do sujeito.

Convém ressaltar que este estudo é de natureza estruturalista e que tomou, como referência, as estruturas superficiais.

A seguir uma amostragem dos fenômenos escrutados nos textos escritos:

4.1. Uso de conectivos subordinativos e coordenativos, na elaboração de frases com certa complexidade estrutural

(01) eu fiquei muito abalada quando elas falaram qui: a academia ia sê vendida’ (+)”

- (02) foi a morti du meu avô (qu'era uma pessoa) super (++)
companhêra' imbora eu nu:: tenh/ eu num sintu—eu num
necessiti di—um ôtru pai' (+)"

Além desses dois exemplos (ambos da primeira fase de cada nível escolar), foram encontrados muitos outros. Porém, todos se apresentam com problemas; não são períodos bem estruturados.

Nos textos da segunda fase, a incidência de estruturas com conectivos é um pouco maior, mas essas estruturas também se apresentam com problemas. Na verdade, é flagrante o uso de marcadores discursivos (principalmente o marcador “aí”), como elementos de ligação entre as unidades de entonação.

4.2. Uso de pronome relativo

- (03) (++) lá eu mi sintu bem tem us meus amigus i us meus
primus qui eu gostu muito,
(04) É: primêru eu tava na casa dus meus avós que tinham vi-
ajadu: pra Portugal (++)

Além dessas estruturas, todas da segunda fase, muitas outras foram encontradas, inclusive nos textos da primeira fase.

Convém ressaltar que, além do relativo “que” e o relativo “onde”, o qual foi usado cinco vezes, nenhum outro relativo foi encontrado, e que em nenhuma vez a preposição exigida pelo verbo da oração subordinada adjetiva foi utilizada.

4.3. Períodos mais longos, limitados pelo pensamento lógico

- (05) aí—eu aí eu abandonei a prancha i fui caí di peitu, (++)
aí(+) aí eu furei uma—duas—três—cheguei lá na arrebenta-
çãu—aí? aí—eu vi qui tava grandi mesmu, nãu ia dá pra—eu
pegá onda di peitu, (++)
(06) quandu—a genti viu' a—genti achô u Máximu/um profes-
sor qui entra na sala' dizendu quê:: eli preferia nãu dá
aula e sim nsinar comu—nós (incomprensível) si faz ar-
roz, a genti achô u Máximu—porque nenhum professô en-
trava na sala dizendu qui nãu queria dá aula, (++)

Pode-se perceber nos exemplos acima, a incidência flagrante do uso do marcador discursivo “ai” e das pausas, apesar de as estruturas frasais terem sido limitadas pelo pensamento lógico e não simplesmente pela entonação.

4.4. Estruturas com verbo na voz passiva

- (07) eu não por que eu nunca tinha sidu: (++) infaixada antis (...)
- (08) ê ê poderia sê operada naqueli momentu (++)
- (09) porqui–minha sala tava toda apagada, (++)
- (10) i:: eu quebrei a perna direita’ (+) fui levada pro–hospital’ (++)
- (11) depois qui eli morreu i foi enterradu’ u qu-eu mais sofria (...)

Além desses cinco exemplos, foram encontrados mais alguns casos desse tipo de estrutura (com verbo auxiliar). Não foi encontrada nenhuma estrutura com o pronome apassivador. Como as ocorrências foram em número semelhante nas duas modalidades, concluí serem comuns a ambas.

4.5. Nominalizações

- (12) QUÊ a mi/ elis tinham pedidu pra genti podê:: ficá dand’uma oLHADa na casa delis (...)
- (13) lembriu di tudu qui (++) eu passei lá di todas as apresentaçõis qu’eu fiz
- (14) (...) mudei meu comportamentu cum muitas pessoas (...)

Além desses três exemplos, que foram os únicos encontrados nos dez textos orais da primeira fase dos informantes do ensino fundamental, relacionei mais dois em textos orais da segunda fase desse mesmo nível e sete em textos da primeira fase e oito em textos da segunda fase dos informantes do ensino médio. O que me faz crer que o uso de nominalização é uma característica da linguagem escrita de usuários com um grau de letramento mais elevado.

4.6. Uso de elipse de termos

- (15) aí depois busquei' fiquei u dia todú im casa i ninguém,
incontrava cum tod-us meus amigu/ sabi (+)
- (16) ((riso irônico)) mi–arrumei' (+) fui–pra casa di uma ami-
ga minha qui mora lá pertu, aí fiquei lá cu-ela–conversei
cum ela–falei (...)

Foram encontrados, ainda, exemplos de omissão de outros termos: verbo, complemento, predicado e até de adjuntos. Muitas dessas omissões constituem uma falta de domínio da língua, pois não servem à coesão conveniente e nem caracterizam um estilo próprio. Caracterizam apenas “falhas” em relação à norma culta e prejudicam muitas vezes a clareza da estrutura frasal.

Além desses elementos que caracterizam a modalidade escrita, mas que podem ser encontrados nas produções da modalidade oral, o que representa a influência daquela modalidade sobre esta, também foram observados outros aspectos comuns às duas modalidades.

Tais aspectos, como topicalização e orações reduzidas de infinitivo ou de gerúndio, por terem tido uma ocorrência equivalente nas produções orais e escritas analisadas dos dois níveis (Fundamental e Médio), parecem ser características comuns às duas modalidades da língua.

5. Considerações finais

A análise aqui apresentada não privilegiou a norma, considerada culta, e, por conseguinte, não foi tratada a questão do certo e do errado. Naturalmente, esta norma culta foi considerada, pois serviu de modelo de descrição e análise do material utilizado (gravações espontâneas), uma vez que o objetivo do trabalho é comprovar as influências da escrita sobre a oralidade, principalmente em sua fase inicial, já que se supõe que o ciclo de influências mútuas se estende durante o processo de letramento de um indivíduo.

Daí, não considerar corretas ou erradas as estruturas sintáticas dos textos analisados, mas adequadas ou não adequadas em relação à norma-padrão da escrita, ou culta.

O interesse pelo assunto surgiu durante o desenvolvimento normal do meu mister. Como professor de redação das turmas de nono ano e de

segundo grau de uma escola particular da Ilha do Governador, percebi que havia diferenças no produto das turmas: as redações dos alunos de terceira série do segundo grau apresentavam menos inadequações sintático-semânticas do que as redações dos alunos de nono ano, e que ambas eram similares à oralidade em cada estágio. Isto é, características da escrita dos alunos da terceira série do segundo grau eram encontradas em suas falas e características da escrita dos de nono ano, nas suas. Entretanto, os textos daquela se identificam mais com a linguagem escrita do que com a linguagem oral.

Concluo, pois, corroborando a teoria de Brown, que neste estágio é a oralidade que procura simular a escrita, o que não se verifica nos textos dos alunos de nono ano, os quais se identificam mais com a linguagem oral.

É interessante observar que, no caso destas turmas, as técnicas de redação lhes são apresentadas no sexto ano e somente no segundo grau (especialmente, na terceira série) é que os alunos, com algumas exceções, procuram a autocorreção, que se desenvolve durante o terceiro grau, estágio em que ainda se verificam desvios da norma culta em textos escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. A Correção idiomática e o conceito de exemplaridade. In: AZEREDO, José C. (Org.). *Língua em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 11-8.

BOTELHO, José Mario. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Judiai: Paco, 2012.

_____. As marcas da oralidade na escrita. *Revista Philologus*, Ano 12, n. 35, Maio/Agosto, 2006. p. 20-31 e em *Fonética e Fonologia, Léxico e Semântica – Cadernos do X CNLF*, V. X, n. 14, 2006. p. 103-13. 103-13.

_____. A natureza das modalidades oral e escrita. *Cadernos do CNLF*, V. IX, n. 03 tomo 2 – *Filologia, linguística e ensino*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2005. p. 30-42.

_____. Entre a oralidade e a escrita: um contínuo tipológico. *Cadernos do CNLF*, V. VIII, n. 7. *Produção e Edição de Textos*. CIFEFIL: Rio de Janeiro, 2004. p. 57-69.

_____. O isomorfismo entre as modalidades da língua. *Discurso e Língua Falada*. CiFEFIL: Rio de Janeiro, 2003. p. 157-77.

_____. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Tese (Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, 2002.

_____. *A influência da oralidade sobre a escrita*. Monografia Inédita (Curso de Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.

BROWN, Gillian. Teaching the spoken language. *Association Internationale de Linguistic Appliquée*. Brussel, Proceedings II: Lecture, 1981, p. 166-82.

CÂMARA Jr., J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CHAFE, Wallace; DANIELEWICZ, Jane. “Properties of speaking and written language”. In: HOROWITZ, Rosalind; SAMUELS, S. Jay (Eds.). *Comprehending Oral and Written Language*. New York: Academic Press, 1987. p. 83-113.

FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

ONG, Walter J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.

TANNEN, Deborah. The oral/literate continuum in discourse. In: TANNEN, Deborah (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, NJ: Ablex, 1982.